

BIBLIOTECA DE COMUNICAÇÃO

A Mulher na Língua do Povo, por Eliane Vasconcellos Leitão. Edições Achiamé. Rio de Janeiro.

A obra foi inicialmente apresentada como dissertação de mestrado, sob o título **Sexo e Linguagem**. Para a autora, na maioria das vezes, a invisibilidade das mulheres ocorre nos mais diversos campos e, muitas vezes, são elas notadas unicamente por sua ausência ou participação passiva. O livro é o resultado de pesquisas sobre a linguagem da televisão e do rádio nos anos anteriores a 1981.

Enquanto a lexia **homem** — afirma Eliane Vasconcellos Leitão — refere-se ao ser do sexo masculino ou à humanidade, o vocábulo **mulher** traz conotações negativas, como **prostituta** ou **amante**. Homem vagabundo é o que leva a vida errante ou não trabalha. Já a mulher vagabunda é a meretriz. O homem adulto (qualquer que seja o seu estado civil) é tratado por **senhor**, enquanto que a esposa depende dele e os jornais sempre se referem ao **Casal Fulano de Tal** ou a **Os FONSECAS** ou **Os ALMEIDAS**. Livro aparentemente desprezioso, mas que se aprofundou numa visão inédita do sexo feminino, mostrando como é considerado pelos meios de comunicação social.

*

Almanak de S. João do Rio-Claro para 1873, organizado por Thomaz Carlos de Molina. Divisão de Arquivo do Estado, em convênio com a Imprensa Oficial. São Paulo.

Há um século, em Rio Claro, a Casa do Sol, da firma Cândido, Valle & Irmão “só vendia a dinheiro e por atacado e a varejo”. O seu ramo de atividades era variado. Possuía, em caráter permanente, um “completo sortimento de fazendas finas e grossas, objetos de armarinhos, ferragens”

drogas e tintas, calçados, chapéus, ferro, sal e uma infinidade de artigos para todos os misteres". Incumbia-se, ainda, de "receber dinheiro e remeter para S. Paulo, Santos, Rio de Janeiro, ou outra qualquer praça da Europa". Um misto de atual supermercado e de agência bancária.

Essas informações constam do **Almanak de S. João do Rio-Claro para 1873**, organizado por Thomaz Carlos de Molina e publicado pela Tipografia da **Gazeta de Campinas**, sob a responsabilidade de José Maria Lisboa. A obra acaba de ser republicada, em edição fac-similar, pela Divisão de Arquivo do Estado de São Paulo, em convênio com a Imprensa Oficial. Segundo nota introdutória, o almanaque "reúne o primeiro núcleo de informações sistemáticas sobre o município, editadas antes mesmo do aparecimento da imprensa periódica local". Os poucos exemplares da edição original estão nas mãos de particulares, não se tendo notícia da sua existência em bibliotecas ou arquivos públicos.

*

Comunicação Dominada, por Luis Ramiro Beltrán e Elizabeth Fox de Cardona. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro.

Quem decide sobre o tipo de comunicação que circula na América Latina? Quem detém o poder de informar, de editar, de selecionar programas, de imprimir tal ou qual revista, de promover tal filme ou converter em personalidade tal ou qual figura? Quem é responsável pela publicidade presente em todos os nossos meios de comunicação, para que se faz e por que não há outra forma de sustentar a atividade comunicacional? Essas as perguntas feitas no prefácio, por Fernando Reys Matta, que dá, em síntese, uma visão do conteúdo do livro.

Recorrendo a estatísticas, Luis Ramiro Beltrán e Elizabeth Fox de Cardona assinalam que, na Venezuela, 68% do conteúdo da programação televisiva enfatizaram a violência física, moral e emocional, durante uma semana característica. Quanto às telenovelas, chegam a deter o primeiro lugar, com 30,4% do tempo. Em resumo, demonstra-se, com apoio em cerca de 200 documentos e publicações, que o continente latino-americano sofre forte dominação cultural dos EUA e que se reflete no comportamento dos povos.

Caricatura dos Tempos, por Belmonte. Companhia Melhoramentos de São Paulo.

Benedito Bastos Barreto — este o nome real de Belmonte — nasceu em São Paulo em 1896 e, já aos sete anos, desenhava. Conta ele que começara em “revistas que nós, alguns rapazolas idealistas, fundávamos e publicávamos de vez em quando”. Seu inconformismo era atribuído às leituras das obras de Schopenhauer, Eça de Queiroz e Nietzsche. Ao iniciar-se a Segunda Guerra Mundial, em 1939, Belmonte era um artista completo, forjado na percepção das injustiças, da corrupção e do maquiavelismo do jogo político brasileiro. Sofrera as perseguições da censura do Estado Novo e aprendera a adotar subterfúgios para driblá-la. De tal forma era hábil que os leitores percebiam facilmente quando suas charges haviam sido censuradas.

Caricatura dos Tempos reúne os trabalhos publicados por Belmonte na **Folha da Manhã** e tem também uma relação cronológica dos acontecimentos internacionais mais importantes de 1929 a 1948.

Jaguar, prefaciando a coletânea, afirma que Belmonte criou Juca Pato tão paulista quanto o Viaduto do Chá e deu corpo a ele, numa feliz parceria com Monteiro Lobato.

*

Estado Novo, Ideologia e Propaganda Política, por Nélson Jahr Garcia. Edições Loyola. S. Paulo.

Em 10 de novembro de 1937, Getúlio Vargas instituiu o Estado Novo, regime que deveria manter-se até outubro de 1945, quando teve início a caminhada para a redemocratização brasileira. Vários autores, entre eles João de Scantimburgo, Thomaz Skidimore e Edgard Carone, entendem que o regime era o “de Sua Majestade o Presidente da República” ou, ainda, “sem qualquer base ideológica consistente, fruto de uma criação altamente pessoal e ao qual faltavam orientação única e política”. Getúlio Vargas assenhoreou-se do poder e, para mostrar-se uma figura paternalista, teve que manipular as informações. O eixo da propaganda oficial apoiava-se na palavra falada. Os discursos do ditador e de seus Ministros iam integralmente para os veículos de comunicação social. Mais de sessenta por cento dos jornais era constituída de matérias fornecidas pela Agência Nacional, que as distribuía prontas, inclusive com determinação sobre a página em que deveriam ser inseridas.

Estado Novo, Ideologia e Propaganda Política aborda toda a sistemática da propaganda estadonovista, mostrando que a censura, permanentemente drástica, impedia a divulgação de notícias que pudessem levar desencantos e preocupações ao povo.